



**Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Centro de Humanidades – Campus Guarabira
Departamento de História
Curso de Especialização em História Cultural**

**Mulheres e modernização na Parahyba do Norte nas três
primeiras décadas do século XX**

MARCIA RAMOS DA SILVA

**Guarabira – PB
Junho de 2012**

Mulheres e modernização na Parahyba do Norte nas três primeiras décadas do século XX

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em História Cultural, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo

**Guarabira – PB
Junho de 2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586m	Silva, Marcia Ramos da
	Mulheres e modernização na Parahyba do Norte nas três primeiras décadas do século XX / Marcia Ramos da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.
	42f.;il., Color.
	Monografia (Especialização em História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Dr. Edna Maria Nóbrega Araújo”.
	1. Mulher 2. História da Paraíba 3. Modernidade I. Título.
	22.ed. CDD 305.4

**Mulheres e modernização na Parahyba do Norte nas três
primeiras décadas do século XX**

Data: 19/06/12

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Edna Nóbrega de Araújo

Edna maria Nóbrega Araújo

Orientadora

Prof^a. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

Examinadora

Prof^a. Dra. Joedna Reis de Meneses

Joedna Reis de Meneses

Examinadora

Agradecimentos

Primeiramente a Deus por me conceder o dom da vida e por me capacitar para enfrentar os obstáculos que surgiram no decorrer da especialização;

Aos meus pais, Elenilda Ramos da Silva e Gilberto Ramos da Silva que me incentivaram e me deram bastante força na caminhada, sempre dispostos a me ajudarem na concretização;

A minha avó Maria Henrique de Lima e as minhas irmãs Marcela Ramos da Silva Lima e Marciely Ramos da Silva por terem me apoiado e ajudado no decorrer da especialização, deste meu sonho;

Ao meu namorado Bismarck da Silva Amaral por sempre estar do meu lado me acalmando e dando forças principalmente diante das dificuldades;

Aos colegas de turma, especialmente a Severino Bandeira, Leandro Rocha e Zenaide pelas descobertas, “desconstruções” e construção do conhecimento historiográfico;

A todos os professores que lançaram a semente do conhecimento no decorrer da especialização, em especial a Edna pela orientação e contribuição em mais uma etapa de minha vida acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. A CIDADE DA PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX E SUA RELAÇÃO COM A MODERNIDADE	10
2. MULHERES E MODERNIDADE NA PARAHYBA DO NORTE	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Rua Nova. Av. General Osório (1871)	15
IMAGEM 2: Rua da Areia (1903)	15
IMAGEM 3: Rua Duque de Caxias - Antiga Rua Direita (1919)	16
IMAGEM 4: Praça Aristides Lobo	17
IMAGEM 5: Prédio dos Correios e Telégrafos (1925)	19
IMAGEM 6: Linha Férrea Cruz do Peixe-Tambaú (1924)	20
IMAGEM 7: Cinema Popular	24
IMAGEM 8: A dança e o rythmo	24
IMAGEM 9: Exercícios exagerados	26
IMAGEM 10: Seios firmes	27
IMAGEM 11: Casa Colombo	28
IMAGEM 12: Casa Costa	29
IMAGEM 13: Pó de arroz Lady	30
IMAGEM 14: Água de colônia REGINÀ	31
IMAGEM 15: “POLLAH”	32
IMAGEM 16: Dentista	34
IMAGEM 17: Senhorinha Maria do Céu Silva	36

RESUMO

Com essa pesquisa pretendemos discutir como a mulher se inseriu no processo de modernização na Parahyba do Norte nas três primeiras décadas do século XX, procurando mostrar quais elementos se configuravam enquanto modernos. Além do aporte bibliográfico que aborda a temática, utilizamos algumas imagens e matérias extraídas do jornal A união, Jornal das Neves e da revista Era Nova, de diferentes datas.

Palavras – chave: modernidade; transformações; mulher.

ABSTRACT

With this research we intend to discuss how the woman entered the process of modernization in Parahyba North the first three decades of the twentieth century, trying to show what elements are they configured as modern. Besides the contribution literature that addresses the issue, we use some images and materials extracted from the newspaper The union, Journal of the Snows and the magazine Era new of different ages.

Key - words: modernity; transformations; woman.

INTRODUÇÃO

O século XX é marcado por mudanças que influenciaram diretamente o comportamento das pessoas no Brasil. O palco para os acontecimentos foram às cidades, espaços que se transformam, mas também permanecem, lugares que ocultam sentimentos e refletem desejos.

As cidades passam por mudanças e comumente com estas seus habitantes vão buscando acompanhar seu ritmo, pois “a cidade está sempre em movimento. Um movimento que é impossível de ser percebido na sua totalidade e que não tenha talvez um sentido comum. Ou as coisas, ou os homens mudam” (REZENDE, 1997, p. 24), Como inserir-se no mundo das transformações produzidas por acontecimentos que rumavam o Brasil a modernidade?

O presente trabalho procura discutir como a mulher inseriu-se no processo de modernização na Parahyba do Norte nas três primeiras décadas do século XX, procurando destacar quais elementos configuravam o que seria o moderno, haja visto que “é a ideia de progresso que enfeitiça os homens e que vêem na cidade seu lugar privilegiado” (Idem, p. 25), logo ser moderno torná-se o ideal daqueles que residem na cidade.

Para a realização deste trabalho se fez necessário pesquisas em arquivos, como no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, situado em João Pessoa. Realizamos a análise de uma amostragem do Jornal A União, Jornal das Neves e da Revista Era Nova. Mesmo sabendo que “o arquivo seja de textos, seja de objetos, é fruto de operações políticas e de sentido” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 25), nos propusemos a ter todo cuidado com o manuseio dos mesmos.

Logo, era indispensável questionar como os jornais e a revista Era Nova estavam evidenciando esse período de ebulição e como as mulheres participavam desse processo, pois

a História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam (Idem, p. 29).

No primeiro capítulo intitulado **A cidade da Parahyba nas primeiras décadas do século XX e sua relação com a modernidade** abordamos quais

os símbolos que caracterizavam a ideia do moderno no Brasil, destacando como a modernidade foi vivenciada na Parahyba do Norte, para tanto dialogamos com autores que discutem a temática como José Murilo de Carvalho, Nicolau Sevcenko, Antônio Paulo Rezende, Gervasio Aranha, entre outros. Nos utilizamos de imagens para ilustrar como a modernidade alterou a paisagem da Parahyba do Norte.

No segundo capítulo **Mulheres e modernidade na Parahyba do Norte** discutimos como as mulheres da Parahyba do Norte se inseriram na modernidade, caracterizando como a modernidade se configurava para estas. Além de dialogarmos com Del Priore, Marina Maluf, Mayrinne Meira, Alômia Abrantes, Edna Nóbrega, dentre outros, trazemos fragmentos de matérias tanto do jornal A União quanto da revista Era Nova, como também incluímos imagens de propagandas e orientações que se inseriam no mundo da modernidade, haja vista que

[...] a feminização é uma ocorrência que se torna visível em alguns, seja pelas seções e artigos, que tratam desses pretensos temas, seja pela inserção de textos assinados por mulheres, bem como pela inclusão cada vez maior de anúncios que buscam seduzi-las com produtos voltados à saúde, moda e cosmética, e até mesmo pela feição que periódicos como a revista *Era Nova* apresentam (ABRANTES, 2010: 92).

Assim, nossa pesquisa não se impõe enquanto verdade, mas busca discutir através das fontes a inserção da mulher da Parahyba do Norte no processo de modernização. Reunir fontes e tecer as narrativas, eis o nosso ofício, não como alguém que inventa de forma fictícia, mas que atribui um novo significado ao já inventado, pois

Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Esse trabalho de tessitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 31).

1-A CIDADE DA PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX E SUA RELAÇÃO COM A MODERNIDADE

Nas primeiras décadas do século XX a Parahyba do Norte passa por mudanças consideráveis que alteraram diretamente o cotidiano e o aspecto físico da cidade. A ideia da modernização era desejável e acatável pela elite haja vista que o Brasil, nesse período, buscava civilizar-se, o que corresponderia em seguir os padrões europeus.

O cenário propício para exibição da modernização era o Rio de Janeiro, mas por que o Rio de Janeiro? Segundo José Murilo de Carvalho o Rio passava por “grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural” (1987, p.15). Nicolau Sevensenko aponta que o Rio se configurou enquanto ambiente do progresso por ter, dentre outros elementos, o “desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema” (1998, p.522), ou seja, aportava os símbolos da modernidade, estava caminhando rumo ao progresso e a civilização.

Em termos sociais, José Murilo de Carvalho nos coloca que a população teve um aumento considerável entre os anos de 1880 a 1890, fator atribuído a Abolição da escravidão, ao êxodo para o Rio de Janeiro de populações de outras regiões e a imigração estrangeira. Esse aumento populacional acarretou consequências, haja vista que o número da população nascida no Rio de Janeiro era inferior se comparado com o número de imigrantes que a mesma recebera, como também a desigualdade entre os sexos, havia mais homens que mulheres. Outra consequência foi o desemprego, havia muita gente e pouco trabalho, com isso os trabalhadores assumiam ocupações mal remuneradas. E como ficavam os ex- escravos nesse contexto?

Pois bem, a Abolição não significou inclusão, com o incentivo a imigração e o despreparo profissional dos ex-escravos muitos passaram a ganhar a vida do jeito que podia, vendendo doces, fazendo “bicos”, mas a elite insistia em não incluí-los na sociedade. Com a República não foi diferente, a população aspirava mudanças, acreditavam que a situação política e social do

Brasil mudaria para melhor, vã ilusão, a população menos favorecida permaneceu excluída. Os problemas habitacionais eram visíveis e sentidos, principalmente pela população carente do Rio, chamada pela elite de “perigosos”. A República se constituía enquanto um sonho frustrado, o governo contribuía para tal frustração, era uma República contra negros e pobres. Em termos econômicos, a República continuou favorecendo a elite colonial (grandes proprietários e comerciantes), pois era constante pouco aumento no salário dos trabalhadores e muito nas mercadorias, sobreviver tornava-se uma luta diária cada vez mais difícil.

O curioso é que se outrora, no período da independência havia o ideal – por parte das elites de identificação com os oriundos, indígenas e mamelucos, agora há uma oposição, estes não são mais exemplos e modelos que efetivem a identidade de ser “brasileiro”, o que vigorava era o desejo de ser estrangeiro. Ora, o estrangeirismo era sinônimo de progresso e civilidade.

Mas como participar desse progresso se o mesmo significava inserir-se nos padrões europeu, e acompanhar o ritmo da economia europeia? Segundo Nicolau Sevcenko o progresso transforma-se no desejo de uma nova burguesia, logo “a moeda rutilante e consolidada, mostrava-se evasiva às condições da sociedade carioca” (1999, p.29).

A República, no entanto, mesmo diante das expectativas de melhorias sufocadas, segundo José Murilo de Carvalho “despertaria entre os excluídos do sistema anterior certo entusiasmo quanto às novas possibilidades de participação” (1987, p.12), ou seja, novos grupos emergiram lutando e requerendo melhorias, novas ideias, correntes de pensamentos circulavam pelo Rio. Diante dessas mudanças, sociais e políticas, a moral e os costumes também mudaram, os costumes tornavam-se mais soltos, “a ordem aliava-se a desordem, com a exclusão da massa dos cidadãos que ficava sem espaço político. O marginal virava cidadão e o cidadão era marginalizado” (Idem, p.38).

Os padrões europeus não tinham mais a escravidão e considerava “atrasados” os países que a tivessem. O Brasil precisava modernizar-se, a escravidão e a monarquia representavam o entrave para o seu desenvolvimento, logo a abolição e a proclamação da República foram configuradas enquanto elementos que tornariam o país moderno; representariam a ruptura entre o velho e o novo. Mas houve rupturas? Segundo

Herschmann e Pereira os sonhos que a modernidade projetou não se concretizaram, provocando um sentimento de frustração, pois

Ao nos referirmos a temas como democracia, liberalismo, abolição e mesmo república, somos frequentemente tomados por um sentimento que é misto de frustração, desconfiança e insatisfação. Hoje, talvez mais do que nunca convivemos com a sensação de “não realização” de uma esfera pública “moderna”. Ou seja, aos nossos olhos, a independência, a abolição, a república “não se realizaram plenamente” (1994, p.18/9).

Nicolau Sevcenko, mostra que a modernização permaneceu deixando a maioria da população que era constituída por negros e pobres a margem desse processo, pois foram despejadas de suas casas para ceder espaço ao novo, ao moderno. Tiveram suas casas demolidas e nem sequer receberam indenizações ou um teto para morar:

Iniciou-se então o processo de demolição das residências da área central [...]. Para os atingidos pelo ato era a ditadura do “bota-abaixo, já que não estavam previstas quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias [...] só lhes cabia arrebanhar suas famílias, juntar os poucos bens que possuíam e desaparecer de cena (1998, p.23).

Percebe-se que a modernização altera a paisagem e exclui pessoas. Além da exclusão de seu próprio lar também eram excluídas de circular pelas cidades e festas popular, pois os homens que não se vestissem decentemente com “calçados, meias, calças, camisa, colarinho, casaco e chapéu tinham seu acesso proibido ao centro da cidade” (Idem, p.26). Logo, a modernização custou “caro”, pois deixou essa população sem ter moradia digna e lhe impediu de ter o direito de ir e vir. Sendo assim,

O resultado mais concreto desse aburguesamento intensivo da paisagem carioca foi a criação de um espaço público central na cidade, completamente remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado, que se desejou garantir com exclusividade para o convívio dos “argentários” (SEVCENKO, 1999, p.33/4).

A cidade de Recife também passou por mudanças que o rumavam ao progresso. Desde o século XIX já se inseria na modernização, pois os hábitos e costumes começaram a mudar, além do mais os estrangeirismos se espalhavam pela cidade, pois “influenciado pelos estudos que fez na França, Rego Barros trouxera, inclusive, técnicos e trabalhadores franceses, para iniciar uma série de mudanças na maneira de organizar a sociedade”

(REZENDE, 1997, p. 28). Nota-se que há uma preocupação em modernizar-se, transformar as cidades aos moldes europeus.

Após os anos vinte do século XX, em Recife já se presenciava mudanças consideráveis na infraestrutura, como “à instalação da luz elétrica nas suas ruas, com os bondes elétricos trafegando e causando alvoroço [...] rede de esgotos [...] (Idem, p. 58), Recife ia se configurando enquanto moderna e civilizada.

A busca pelo moderno despertava diversos sentimentos nas pessoas, pretendia-se transformar coisas, comportamentos e ambientes; o velho agora teria que abrir espaço para o novo, pois ser moderno se configurava em ser diferente do antigo, estar apto às mudanças e acompanhar os ritmos das mesmas. Mas será que há rupturas entre o velho e o novo? Segundo Antonio Paulo Rezende o próprio nome modernidade já trás consigo a ideia do moderno, logo

A associação do **moderno** com o **novo** é, portanto, histórica, na perspectiva da sua genealogia e da sua invenção. O termo moderno aparece, no baixo latim, com sentido de recente, sentido que se mantém na Idade Média, enquanto o antigo significava aquilo que pertencia à Antiguidade, sem aquele conteúdo depreciativo que se usa atualmente. Porém já no século XVI, o moderno se opõe ao medieval, com a periodização da história em Antiga, Média, Moderna. Ganha, então, mais claramente, o termo **moderno** o significado de **novo**, recente, de algo que não tem ligações aparentes com o passado, criando uma efetiva oposição entre o **moderno** e o **antigo**, entre o **novo** e o **velho** que iria marcar uma concepção de mundo instituída com o advento da sociedade capitalista, alicerçada na idéia de progresso (REZENDE, 1997, p.107/8).

O novo é reconhecido enquanto novo porque o velho o legitima, não haverá a eternização do novo, pois surgirá outro novo que o tornará velho, ou seja, ser moderno é viver uma vida de paradoxos e contradições.

Quanto a Parahyba do Norte, como será que o moderno foi vivenciado? Segundo Gervácio Aranha discutir sobre a experiência do moderno na região norte (compreende hoje o nordeste) é um experimento diferenciado da Europa, especificamente de Londres e Paris, uma vez que tais cidades se caracterizavam enquanto modernas devido ao agito frenético social, ou seja, pelo número exorbitante de pessoas circulando pelas cidades. Já na região norte, a experiência do moderno se configurava por elementos vindos do exterior, elementos considerados modernos, ou seja, o moderno

[...] se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu "rush" característico, e mais

por uma ou outra novidade vinda do estrangeiro, seja as que se relacionam aos transportes e comunicações, seja aquelas relacionadas aos equipamentos do "conforto", não esquecendo das que remetem à vida elegante e/ou entretenimentos. Cidade que se quer "civilizada" ou que estaria a "civilizar-se" deveria contar ao menos com uma dessas novidades (ARANHA, 2001, p. 254).

De acordo com Waldeci Ferreira, não devemos falar em modernidade, mas modernidades, pois sua visualização ocorre em diversos setores, não havendo uma homogeneização em seu uso, pois,

Podemos tratar da modernidade como representação do progresso científico, numa visão linear e cumulativa bastante próxima ao positivismo; a modernidade como a era do maquinismo e da tecnologia, responsáveis por novas experiências sensoriais e perspectivas, atreladas, muitas vezes, à conquista da velocidade e a modernidade como estilo de vida cosmopolita e metropolitano, teatralizado na obrigatória familiaridade com requintado hábitos de consumo e de lazer dos maiores centros urbanos (CHAGAS, 2010, p. 41).

Embora, desde o final do século XIX, na Parahyba do Norte estivesse ocorrendo transformações urbanas e comportamentais consideradas modernas, o velho ainda permanecia. A tentativa de afastar o rural considerado velho e atrasado do urbano não se efetivava nas primeiras décadas do século XX, pois comumente associada as novidades do mundo moderno como a energia elétrica observava-se a presença de animais nas ruas, lama, mato, casas desalinhadas etc.

Em qualquer canto, em todas as ruas e beccos encontra-se montes de lixo, animaes mortos em putrefacção, materiais fecaes, aguas pôdres estagnadas (...) Se a indiferença de uns e a incuria de muitos creão esses fôcosmiasmaticos incontestavelmente nocivos a todos, urge, que o poder competente trate de extinguil-os, porque danificam a saude publica, dão triste ideia de nossa civilização, e attestão a incuria da policia municipal. (FELINTO, 1883, p. 1)

Em seu relatório enviado ao governo, o Inspetor de saúde Pública da capital mostrava sua preocupação com as condições de higiene da cidade. Essa mesma preocupação pode ser visualizada pelo jornal A União:

É evidente a preocupação de bem parecer interna e externamente pelos costumes. Para a consecussão de tal fim não bastam apenas, a iniciativa, a boa vontade e a coação do poder publico; mas, faz-se mister, antes de tudo, o senso de cooperação por parte dos habitantes, de cuja concomitância de acção, muito mais que da fiscalização municipal, deriva necessariamente o bom aspecto e o cuidado hygienico da cidade. Vimos fazer neste sentido um apêllo aos habitantes da Parahyba, recomendando-lhes a execusão de medidas tão fáceis e que tanto contribuem para a ampliação do nosso bom nome, no nosso mesmo critério individual e no conceito de quantos nos visitam (A UNIÃO, 1917, p. 1).



Foto 01: 1871 – Rua Nova. Av. General Osório.

Disponível em: <http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012.

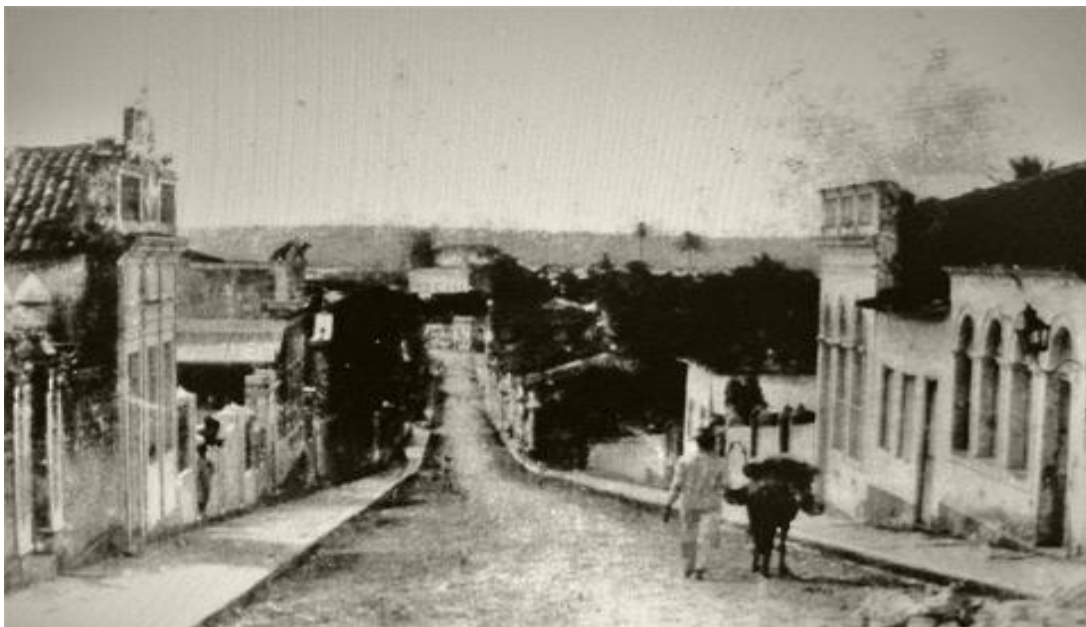


Foto 02: 1903 - Rua da Areia.

Disponível em: <http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012.

As fotos acima mostram uma cidade bem distante dos sonhos de modernidade que já se fazia presente no mundo e no Brasil desde o final do

século XIX. As ruas não eram calçadas, possuía grandes decliveis como no caso da rua da Areia, o que facilitava o acúmulo de terra, lama e a presença de animais como reclama o Inspetor de saúde. Observa-se a presença de um homem com um animal, possivelmente carregando água já que ainda não havia água encanada. As casas encontravam-se desalinhadas, as ruas eram estreitas e terminava com uma edificação como era o caso da rua nova.

No entanto, nas primeiras décadas do século XX a cidade começou a ganhar uma nova imagem, edifícios foram colocados abaixo, não apenas as casas de palha onde morava a população pobre, mas aqueles considerados inapropriados ou que impedia a construção de praças, e edifícios modernos.



Foto 03: 1919 - Rua Duque de Caxias. (Antiga Rua Direita).

Disponível em: <http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012.

Na foto acima, observa-se no centro a Igreja do Rosário que foi demolida para a construção da Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis). O segundo prédio, a partir da direita, foi sede do jornal "Correio da Manhã" que deu lugar ao Paraíba Palace Hotel. Observa-se ares de modernidade, com a rua calçada, a presença de energia elétrica, árvores alinhadas e várias pessoas caminhando pelas ruas.

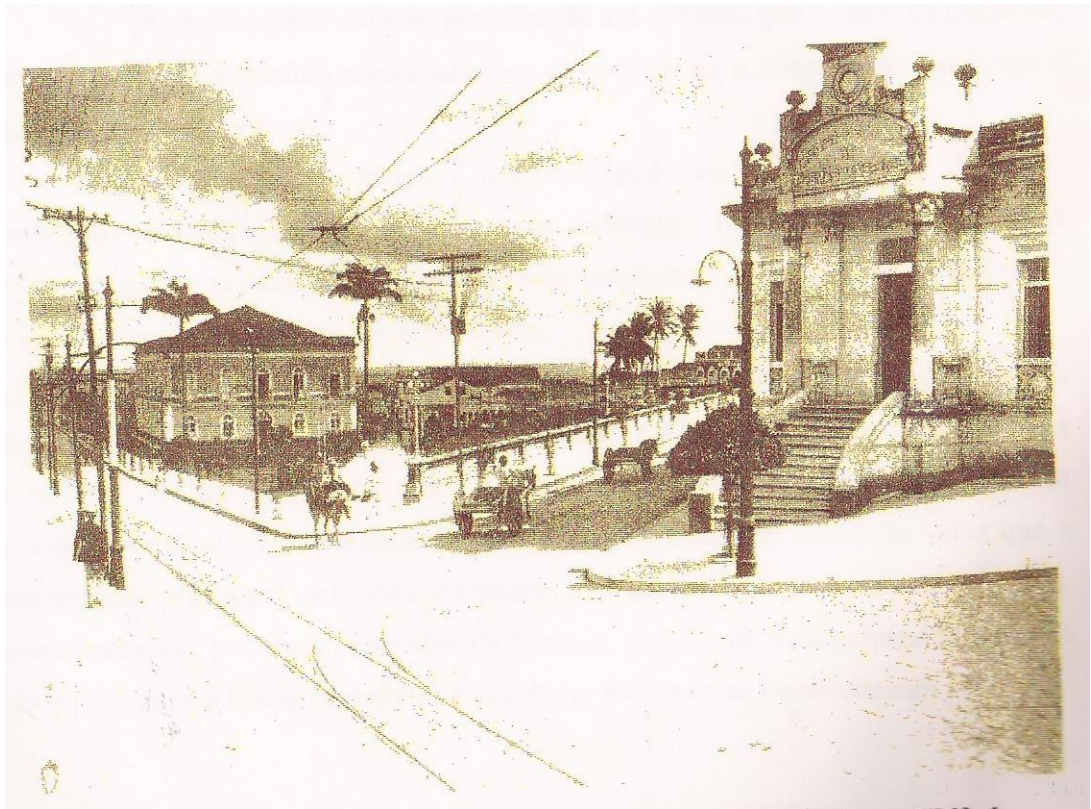


Foto 04: Praça Aristides Lobo, em primeiro plano o Grupo Thomaz Mindelo. Acervo Walfredo Rodriguez.

Na imagem acima percebemos o rural e o urbano convivendo juntos no centro da Parahyba do Norte, entre os trilhos e os fios de eletricidades carroças e cavalos permanecem como meios de transportes mais usuais. (ARAÚJO; MENESES, 2010.).

Assim percebemos que o velho permanecia juntamente com o novo, por mais que se buscasse uma ruptura, o velho não saia totalmente da paisagem paraibana nas primeiras décadas do século XX. Os discursos de modernização e civilização se entrelaçavam na medida em que requeriam melhores condições para se viver na cidade. Cidade civilizada é com boa iluminação, abastecimento de água, ruas calçadas, lixos tratados e organização no alinhamento das casas; A Parahyba não se encaixava nesse modelo, mas ansiava por esses elementos, ora o Brasil começava a modernizar-se e a Parahyba queria entrar nessa onda, pois não dava para continuar sendo uma cidade

[...] não possuidora de calçamento nas ruas; nelas acumulavam-se lixo e águas estagnadas, formando grandes lamaçais, que propiciavam o crescimento de ervas e capins, atraindo vários tipos de animais e provocando o que a elite denominava de “desordem da cidade”, na época, tão reclamada nos jornais (ARAÚJO e MENESES, 2010, p. 17).

A “desordem da cidade” partia não só do lixo e das águas estagnadas, mas também pela “falta de higiene nos matadouros, das cacimbas e fontes, da localização imprópria dos cemitérios e hospitais” (ARAÚJO, 2001, p. 30). As mudanças começaram a acontecer e a cidade a ganhar ares de moderna, logo os governos de 1908 a 1920 buscaram modernizar a Parahyba; dentre seus feitos podemos citar a criação de novos logradouros e praças, alargamento das avenidas e calçamento das ruas. Solon de Lucena ganhou destaque por, em seu governo, ocorrer momento de agitação cultural e artística. Em 1913 já se acreditava que a nova cidade começava a encaixar-se, ao menos em alguns aspectos, na modernidade. (ARAÚJO, 2001).

A energia elétrica e os serviços de água já faziam parte dessa nova realidade que emergia. A energia elétrica permitia uma sociabilização pela noite, era como se a noite fosse a continuação do dia, era bem vista pelos moradores, haja vista que era melhor que o gás, pois evitava incêndios e possuía uma luminosidade melhor, como também inibia a bandidagem e propiciava os momentos lúdicos, entretanto a energia elétrica só fora implantada no centro da cidade, permanecendo as casas com iluminação precária. No que tange aos serviços de água, esses eram muito apreciados pelos moradores, pois já não se via mais o percurso da água, apenas via-se que a mesma entrava e saía das moradias, assim como o saneamento que impediam as águas de estarem às mostras contribuindo, dessa forma, para solucionar problemas que havia “como o lamaçal provocado pela presença das águas que escorriam constantemente e a presença de matos que cresciam em torno da lama, contribuindo para a permanência de insetos e porcos para a disseminação de doenças” (ARAÚJO e MENESES, 2010: 31).

Além da energia elétrica e dos serviços da água, o trem se inseriu na vida das pessoas marcando um novo espaço-tempo, o tempo passava a ser disciplinado e, junto com o trem, a imprensa se propagava, os meios de comunicações iam se modernizando tornando-se mais rápido. Os correios

emergiam, seja trazendo jornais e revistas em malotes no trem ou vendendo nas estações.



Foto 05: 1925- Prédio dos Correios e Telégrafos.

Disponível em: <http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012.

As pessoas também ficavam na expectativa para verem e saberem das informações trazidas pelo trem ou pelos navios que chegavam ao porto. Nicolau Sevcenko assevera que

Os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio (1999, p. 36).

Mesmo as pessoas que não sabiam ler folheavam os jornais e revistas tanto no trem quanto nas estações e praças criava-se o hábito de ler notícias sobre o mundo, ser moderno era manter-se informado. O trem criou sociabilidades, encurtava distancias e levava informações. A respeito disso Gervácio Batista Aranha faz o seguinte comentário:

Os trens que aportam nessas estações – trazendo ou levando pessoas e objetos, além de boas e más notícias, ou simplesmente notícias, não esquecendo de sonhos a realizar ou desfeitos – tornam-se canais de por meio dos quais estas estações se constituem enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para elas praticamente todos os interesses da coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, afetivos etc.(ARANHA, 2001, p. 88).

A medida que a cidade crescia era necessário diminuir as distâncias entre os espaços e longas avenidas começam a serem construídas tanto com trilhos para os bondes como caçadas para permitir o melhor acesso dos carros que já havia se inserido na malha urbana e na velocidade da modernização.

Na Parahyba do Norte, uma das principais avenidas que emergiu nesse momento foi a Epitácio Pessoa que ligava o centro as praias, local para onde estava se deslocando a população mais abastarda para construir novas residências.



Foto 06: 1924 - Linha Férrea Cruz do Peixe-Tambaú.

Disponível em: <http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012.

Homens trabalhando no alargamento da avenida que promoveu a ligação entre a orla e o centro da cidade. Observa-se os trilhos do bonde elétrico encarregado de fazer o percurso.

Assim como o trem, o telegrafo também provocou impacto: encurtava distancias e tornava possível a comunicação sem estar presente fisicamente; impacto semelhante causou o telefone, poder ouvir a voz do outro sem vê-lo. Entretanto, Gervácio Batista Aranha nos aponta que o telefone foi criticado por algumas famílias, pois alegavam que através do telefone as moças planejavam fugas, pessoas passavam “trotes” desafiando quem estava do outro lado. Quanto a essas resistências, Antonio Paulo Rezende nos diz que

Na verdade, em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e resistência de muitos. Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigia mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas (1997, p. 57).

Freyre era um dos que se mostrava resistente ao processo de modernização, não é de se estranhar tal posicionamento, haja vista que o lugar social de Freyre é a casa grande, lugar apreciado por este, já que fora criado em uma sociedade patriarcalista. Freyre simpatizava com alguns aspectos da modernidade como, por exemplo, mudanças culturais, entretanto, a crítica deste se pauta nos impactos que a incorporação de elementos modernos causará na originalidade da cultura brasileira.

Se referindo a Freyre, Rezende assinala que “o mundo das invenções elétricas não lhe atrai. Mostra temer o declínio das humanidades, critica as especializações e o industrialismo” (Idem, p.150). Nota-se que Freyre é um saudosista, não pensa em mudanças, quer continuar o passado no presente, ou seja, para ele a tradição deveria permanecer.

As críticas a modernização também é perceptível na Parahyba, através de jornais e revistas. A revista Era Nova trás uma matéria redigida por Coriolano de Medeiros intitulada A nossa urbs e o modernismo, segundo o autor há uma depreciação quanto às demolições em prol de acabar com elementos que pertenciam ao período colonial, para ele isso deveria ser impedido em nome da arte e da história.

Não possuímos, é verdade, monumentos architectonicos que, pela sua originalidade e gosto, rivalizem com as cathedraisghoticas da França e Allemanha ou com os palacios da epoca do Renascimento. Mas temos por exemplo aqui na Parahyba alguma coisa que merece apreço. As fachadas dos nossos templos são verdadeiras obras d'arte. (1921).

Assim como Freyre, Cariolano de Medeiros defendia que o novo deveria conviver comumente com o velho, deveria haver o equilíbrio entre ambos, pois “o ideal seria conservarmos a nossa velha cidade tal como era há poucos annos com algumas modificações impostas pelo progresso, sem que ella perdesse o aspecto de vetustez” (Idem).

Além das resistências por parte de alguns, havia os que desproviavam dos símbolos modernos. Para se locomover no trem precisava de dinheiro, para usufruir do telégrafo era necessária a máquina e esta não se fazia acessível a

toda população, já para ter o telefone tinha que comprar as linhas, e eram caras; Para tanto havia pessoas que disponibilizavam o telégrafo e o telefone para a população em troca de favores ou dinheiro.

Diante desses símbolos considerados modernos que mudaram a paisagem e o cotidiano da cidade, podemos nos perguntar: o que caracterizava o homem e a mulher enquanto modernos na Parahyba do Norte? Como vimos anteriormente, o moderno se caracterizava por diversos elementos, manifestava-se em diversas possibilidades de ser moderno, assim também aconteceu com os homens e mulheres na Parahyba, ser moderno era “estar bem vestido, morar na área central da capital, expressar-se bem em público, frequentar o cinema, o teatro e consumir os artigos de luxo importado da Europa” (CHAGAS, 2010: 41).

As obras públicas cuidavam do aformoseamento da cidade, as leis determinavam os comportamentos possíveis de seres aceitos e a população, de um modo geral, deveria se responsabilizar pela imagem da cidade limpa e organizada como também pelos próprios comportamentos, hábitos e aparência. Os cuidados com a adequação do cotidiano da cidade aos novos padrões do mundo moderno alteraram, sensivelmente, o estilo de vida das pessoas.

Ser moderno configurava-se em adquirir novos hábitos, comportamentos diferenciados dos de outrora, pois mesmo o novo seduzindo e apavorando simultaneamente, segui-lo se tornava regra. Havia a necessidade de estar na moda, vivenciar o que a moda ditava, já que

O sistema da moda trazia nas suas engrenagens roupas, hábitos, esportes, festas, novas tecnologias, idéias inovadoras e a substituição da relação dialética por um relacionamento dialógico entre as esferas pública e a privada (WANDERLEY, 2010: 118).

As engrenagens da modernidade vão se inserindo, fazendo parte da vida dos moradores da Parahyba do Norte, influenciando em comportamentos, maneiras de expressar-se e relacionar. “A modernidade e todas as suas possíveis derivações tem sua materialidade que atinge o cotidiano da sociedade e modifica as relações sociais” (REZENDE, 1997: 117).

Tendo em vista que a modernidade altera o modo de vida das pessoas e instiga ao consumo, como as mulheres da Parahyba do Norte se inseriram no mundo moderno?

2- MULHERES E MODERNIDADE NA PARAHYBA DO NORTE

Tendo em vista as diversas transformações que ocorria na urbe, novos espaços foram criados como símbolos da modernidade, dentre eles podemos citar o cinema, o qual recebeu críticas e elogios. As críticas partiram da influência que este exercera no comportamento dos jovens “que faz sua cultura esthetica e moral no cinematographo, a maravilhosa invenção que a ganancia dos exploradores das paixões inferiores está transformando num instrumento de perversão dos costumes” (Era Nova 27/03/1921).

Como se observa no exposto acima, para alguns grupos a tradição deveria ser mantida, a moral conservada; acreditavam que os novos comportamentos expressos pela modernidade e difundido pelo cinema só vinham a ferir a dignidade e abalar a tradição. Ora “as attitudes mais provocadoras, em scenas vivas, flagrantes da realidade e belleza que se focam com todos os requintes da arte cinematographica, empolgam a imaginação da mulher, excitando-lhes uma das suas mais maravilhosas faculdades, que é a de imitar” (Era Nova 27/03/1924), logo os beijos no cinema eram vistos como exposição da intimidade, a mulher que tentasse adotar tal comportamento era tratada como leviana. Por outro lado, acompanhar o ritmo da modernidade tornava-se uma necessidade e ser “chic” era ser moderno.

O cinema foi ganhando muito espaço na sociedade da Parahyba do Norte, diariamente os jornais apresentavam a programação dos diferentes cinemas existentes na capital. Havia inclusive o cinema mais voltado para os segmentos populares, que embora exigisse o pagamento da entrada se diferenciava em duas classes, dependendo de onde a pessoa ficaria sentado.

Claro que mesmo com a distinção entre classes nem todos tinham acesso ao cinema, pois precisava pagar e nem todos podiam pagar, as pessoas que não possuísse dinheiro para inserir-se na primeira ou segunda classe não poderiam desfrutar desse espaço de sociabilidade, o cinema.

CINEMA-THEATRO RIO BRANCO

HOJE Terça-feira, 9 de Abril de 1918. **HOJE**

Duas sessões começando às 6 1/2 horas

Grandioso espectáculo dedicado á amantíssimas mães brasileiras !

7 partes—Sarah Bernhardt—Eclipse

1., 2., 3., 4., 5., 6. e 7. — **MÃES FRANCEZAS !** . . — com 3500 metros

Preços: 1.ª classe 1\$000. 2.ª classe \$500. Crianças \$500.

CINEMA POPUGAR

Duas sessões começando às 6 1/2 horas

1. Francesca da Rimini. — scena historica 500 mts.

2. e 3. — **O rival do ZEZÉ** — — comica — 2 partes

4. 5. 6. e 7. — **O SEGREDO DO MOINHO** — drama da vida real — Nordisk

Preços: 1.ª classe \$300, crianças até 10 annos \$200, 2.ª classe \$200

Foto 07 - A União, 09/04/1918, p.3 .

A revista Era Nova trás uma imagem que faz apologia ao cinema, demonstrando a importância deste.



Foto 08 - A dança e o rythmo, Era Nova , ?/08/1924.

A imagem é bem sugestiva, percebemos as curvas dos corpos seminus, o que, para época, era escandaloso principalmente por se tratar de mulheres. Além da percepção desses elementos, a imagem trazia consigo o seguinte comentário:

O cinema não permite só a confecção do film elle nos auxilia o estudo da plastica. O flagrante do movimento, na dança, e o rythmo do corpo estão magnificamente apanhados nestas photographias. O fhotografho se fez artista. E no momento preciso elle sentia toda a significação do conjucto para obter essa riqueza de attitudes e belleza, e linhas (Era Nova, ?/08/1924).

Notamos que o corpo passa a ser evidenciado e apreciado, mas não poderia ser qualquer corpo, deveria ser um corpo saudável que fosse perceptível suas “linhas”, a beleza começava a se destacar por um padrão estético que se mistura com o bem estar – discurso produzido pela saúde. A ginástica vem para justificar uma boa educação e provocar o bem estar; sua prática estava relacionada com a saúde, maior expectativa de vida e beleza. O discurso de saúde e beleza mistura-se, determinando que para ser bela a mulher teria que ser saudável, entretanto, o jornal A União alertava quanto ao excesso de exercícios, pois o exagero provocava doenças:

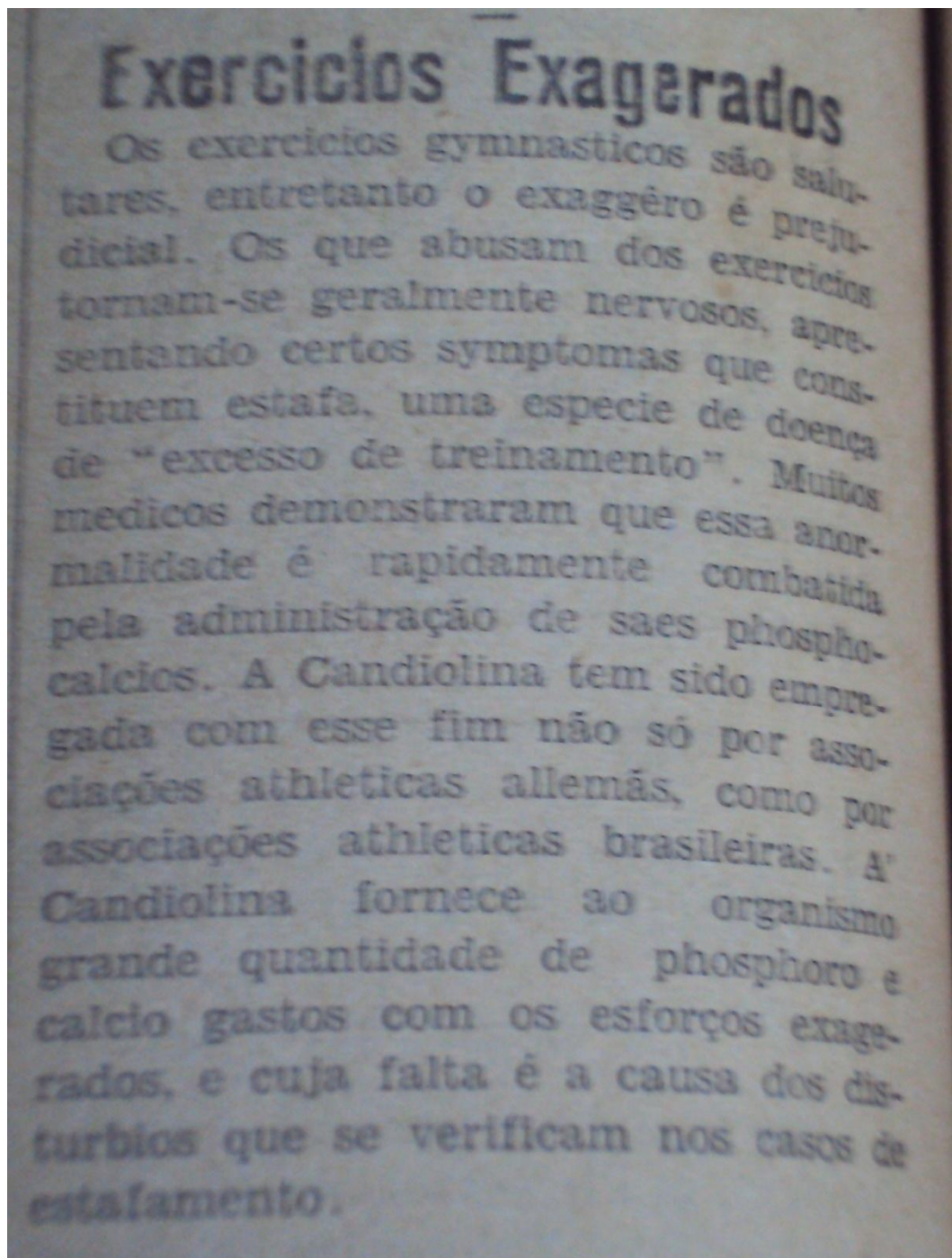


Foto 9 - A União, 06/03/1930 p. 4.

Apesar das indicações de atividades físicas inclusive nas escolas, os médicos alertavam que esta deveria ser praticada com moderação para não provocar desgastes ao organismo e chegar mesmo a favorecer a instalação de doenças.

Mesmo com os alertas, a mulher deveria ter o corpo bonito, mas não só ter o corpo bonito deveria ser "chic". Para ser devidamente "chic" deveria

consumir, muitos eram os jornais que incitava ao consumo trazendo anúncios do que vigorava na moda saudável, pois era preciso “oxigenar as carnes, e alegrar-se graças ao equilíbrio saudável do organismo. A elegância feminina começou a rimar com saúde”. (DEL PRIORE, 2000, p. 63), um verdadeiro convite para as mulheres consumirem, estarem na moda e ficarem belas. Como ser bela e moderna é manter o corpo bonito e rígido, muitas eram as propagandas nos jornais e revistas que prometiam o fim da flacidez dos seios:



Foto 10 - A União, 07/02/1930, p. 4.

Acima vemos a promessa de ter os seios firmes, independente da causa de sua flacidez, a mulher poderia ter seus seios firmes como quando adolescente e o mais fascinante do anúncio é que se tem um “efeito seguro e rápido”, além do mais é muito moderno, pois é um “preparado europeu”, o termo europeu já dá a conotação de moderno. As mulheres deveriam estar coerentes com a beleza, pois para a beleza do século XX “já não basta ser

gorda, é preciso construir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou moleza” (LIPOVETSKY, 2000, p.133).

Para se inserir na modernidade as mulheres deveriam ter adereços como chapéus, luvas, leques, dentre outros que caracterizavam a mulher enquanto “chic”, principalmente se tais adereços forem provenientes do estrangeiro. É comum vermos nos jornais e revistas a presença de anúncios que oferecem trabalho de modistas:



Foto 11 - A União, 09/04/1918 p.3

Notamos que a mulher é convidada a ingressar na moda adquirindo “figurinos parisienses”, logo se entendia que era moderno e que ao optarem pela Casa Colombo estariam usando “mercadorias que se verifica no commercio mundial”. A Revista Era Nova também trás opções de modistas não só para as mulheres, mas para os homens e crianças.



Foto 12 - Era Nova, 27/03/1921

Essa nova moda causava desagrados, haja visto que o século XX segue com um aprofundamento da nudez, o corpo se mostrava e buscava aprimorar seus contornos para se por amostra em diversos ambientes da sociedade. Mary Del Priore (2001) em seu livro *História do Cotidiano* faz um comentário em alusão à nudez feminina, pode-se dizer, uma crítica a tal nudez

No decorrer do século XX a mulher se despiu. O nu, na mídia, nas televisões, nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a desvelar-se em público, banalizando-se sexualmente. A solução foi cobri-lo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. (DEL PRIORE, 2001, p.100)

Na parahyba do Norte os decotes foram vistos como ameaçadores da moral, “o pudor masculino que agora se sente offendido com os decotes” (Era Nova 27/03/1924), se tolerava até o encurtamento das saias, mas o decote, esse era motivo de críticas, até em versos feitos por Bastos Leão:

Sou da moda um profano entusiasta!
A moça que, faceira e sem receio,
Mostrar da perna um palmo ou palmo e meio
Não deixará, por isso, de ser casta...

Mas para a moda a saia curta basta...
Tudo mais, além disso, é muito feio,
Pois o grande decote mostra o seio
E a manga curta as illusões afasta
(Era Nova, 15/04/1921)

Por outro lado, os que defendiam a saúde da mulher elogiavam essa mesma moda, pois o corpo tornava-se mais leve, livre das alterações

provocadas pelo espartilho, o qual era usado “para dar respaldo à moda ‘Império’” (DEL PRIORE, 2001: p.11), embora o mesmo fosse usado para corrigir as deformações.

Os cosméticos também surgiam como apetrechos da moda para tornarem as mulheres modernas e belas, como podemos perceber na propaganda a seguir:



Foto 13 - A União, 14/03/1930, p.5

Percebemos que tal pó de arroz se coloca como moderno, pois alega ser “superior aos estrangeiros”, e os elementos vindos do estrangeiro eram compreendidos como modernos e de qualidade. Ser moderno e moderna era também cheirar bem, usar sabonetes e colônias, com o intuito de manter-se limpo e cheiroso.



Foto 14 - A União, 03/04/1918, p.4

Notamos que cheirar bem é um dos critérios para inserir-se na modernidade, entretanto, não basta só ter cheiro agradável, tem que haver também o rosto bonito, para isto surgiam cremes faciais que prometiam deixar a mulher bela, corrigir as imperfeições e retardar o envelhecimento e, como forma de garantia, ainda trazia depoimentos de mulheres que usaram e aprovaram.

A Graça e a sedução podem ser obtidas e a velhice retardada

A Beleza considera-se atingida sempre que se obtém uma perfeição, uma graça, que atrahente. Ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um producto verdadeiroamente util como o "POLLAH" corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.

"POLLAH" POTE 12\$000

O Creme FOLLAH encontra-se em todas as principaes pe fumarías do Brasil.

Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, que contém todas as indicações para o tratamento e embelezamento da cutis, a quem enviar o coupon ao lado aos representantes da

AMERICA BEAUTY ACADEMY

NOME CIDADE
RUA ESTADO

UM EXEMPLO (1)

Confesso que não fui generosamente dotada pela natureza, sem cutis os cuidados necessarios e tive o desprazer de constatar á minha que parecia mais feia do que realmente era. Procurando só então corrigir as diversos tratamentos, sem conseguir o que desejava. Fui, entretanto, muito feliz, com o uso do creme "POLLAH", creme inigualavel, não só para corrigir os defectos com para conservar e embelezar a cutis; com satisfação, de todos comprehensivel, vi desaparecerem as manchas os cravos, sem a pele mais unida, mais firme, mais esticada e adquiri uma cor muito mais clara e uniforme.

Agora, com uma linda pele parelha suave, com o rosto muito mais atrahente, não dispensei o "POLLAH", como conservador da cutis e o melhor creme de toilette.

Maria Pacheco - S. PAULO

Foto 15 - Era Nova, ?/08/1924

Todos os produtos disponíveis no mercado voltados para o embelezamento fez surgir concursos de beleza onde disputavam o título de moça mais bela. A Festa das Neves é um desses espaços onde as moças participam de um concurso de beleza, o qual é visto com glamour pelo cronista Tacio no Jornal das Neves:

luzes abundantes e de variadas cores, scintillaram victoriosas e banharam com os seus raios polichromos os nunca assas louvandos semblantes das gloriosas filhas da Parahyba, cujo numeroso concurso assignala sempre o triumpho esplendido da soberana esthetica (04/08/1916).

Esse mesmo espaço também passa a ser motivos de críticas, pois "os pleiteantes no concurso de belleza que tem procurado captar a victoria para as suas candidatas pelos mais desmoralizados processos das eleições [...] onde menor deve ser a cultura esthetica e mais reduzida a consciência do voto" (Idem), mesmo diante de tais críticas, nada apagava o "brilhantismo á penúltima noite" (Ibidem).

Ostentadores da modernidade, os automóveis surgem enquanto artigos de luxo que circulam pela cidade e passa a ser um desejo de consumo sobretudo dos jovens pois além, de representar um ícone da modernidade, a

velocidade propiciada por estes era relacionada com o aceleração que as coisas ocorriam; expor-se, tanto em fotografias quanto nas ruas, com o automóvel significava estar apto para acompanhar a velocidade das transformações em curso.

Os donos dessas máquinas eram membros da elite, os quais exibiam seus automóveis “pelas ruas das cidades e atropelava não apenas os pedestres como também os comportamentos e as imagens da cidade que eram contrárias ao movimento da modernidade” (ARAÚJO, 2001, p. 73).



Foto 17 - Senhorinha Maria do Céu Silva. Revista Era Nova 27/03/1921.

A senhorinha Maria do Céu Silva, aparece em uma foto no automóvel e tem como imagem de fundo algumas fábricas que também representam a modernização da cidade. A imagem mostra como comumente as mudanças que a Parahyba do Norte passava em seu aspecto físico era acompanhada das

mudanças nos hábitos, costumes e comportamentos, da mulher “Parahybana”. Ela não queria apenas ser chic, ela queria mostrar que poderia ocupar outros espaços na sociedade.

Nesse sentido, mudanças aconteceram também no comportamento das mulheres. Se outrora não podiam sair de casa sem a presença do pai, marido, irmão ou dama de companhia, agora podiam passear pela urbe livremente, desfrutar dos novos espaços de lazer criados para embelezar a cidade, passaram a frequentar lugares que antes eram destinados aos homens. (ARAÚJO, 2001).

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodavam conservadores, deixaram perplexos os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas ‘de boa família’, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário. Dada a ênfase com que os contemporâneos interpretaram tais mudanças, parecia ter soado um alarme (MALUF, 1998, p. 368).

Muitas críticas surgiram contra as mulheres, tanto no que diz respeito as roupas quanto ao saírem de casa só. Observava-se que as mulheres buscavam se enquadrar nesse novo modelo de vida que surgia, muitas eram as expectativas em torno de como deveria se comportar uma mulher moderna. Criticavam os avanços da modernidade no que se refere a moral, pois “se se cresce em gosos, em riquezas, em conquistas, rebaixa-se nas acções, na honra, na compostura moral” (Era Nova, 01/05/1921), a mulher não era bem vista por querer conquistar os mesmos direitos que os homens possuíam, acreditavam que deveria se conformar com a liberdade que já conquistara: “insatisfeitas com a liberdade que gosam, disputam o direito de voto e com este o direito de representação”. (Era Nova, 01/05/1921).

As mulheres queriam ter sua independência financeira, o espaço do lar com seus inúmeros afazeres não apagavam o desejo de ser independente do marido, onde dependia deste o poder de permitir ou não que suas esposas trabalhassem. Enquanto a independência não era concedida, elas buscavam estratégias, como “tomar empréstimos sem autorização do marido, trabalhar escondido e até mesmo a ‘roubar’ o próprio cônjuge” (MALUF e MOTT, 1998, p. 415/6).

Mesmo diante de tais restrições, na Parahyba do Norte, na revista Era Nova, vemos anúncios de mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho e que oferecem seus serviços:

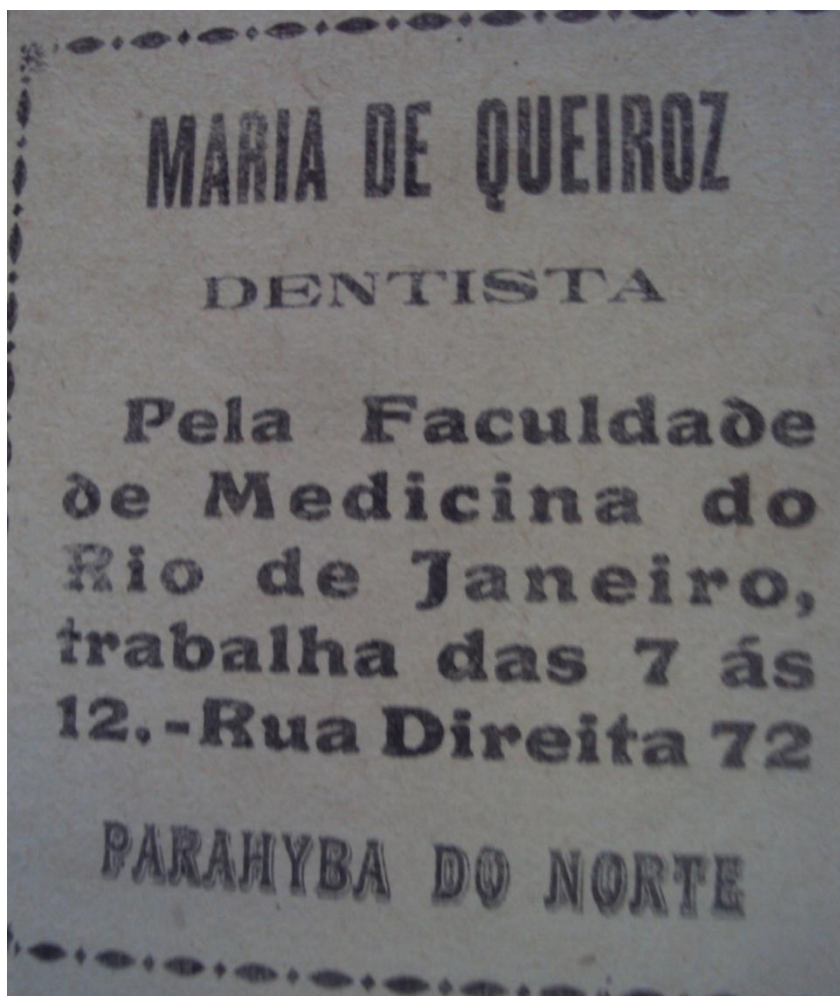


Foto 16 - Era Nova, 27/03/1921

Além das vestes e de mudanças comportamentais, o moderno para as mulheres se concretizava através da cultura e educação. Moça moderna é a que aprecia a cultura e é instruída. Meninas e moças deveriam mostrar-se acompanhadoras da modernidade,

(...) poderiam saborear as praças, os jardins públicos e as festas não apenas para exibirem os últimos avanços da moda como também para se mostrarem aptas ao novo tempo, ao se apresentarem com o gosto pela leitura como, por exemplo, da Revista Era Nova, que contribuía para a adequação das pessoas e dos discursos, na Parahyba do Norte, à modernidade (ARAÚJO, 2001, p. 108).

Quando inserida no trabalho, as mulheres deveriam ocupar-se de profissões tidas como femininas como professoras normalistas, datilografas, telefonistas, médicas, etc. Porém o casamento ainda era o que se esperava

para as moças ricas, as pobres exerciam diferentes profissões e nem sempre casavam, considerando que muitas tinham filhos antes do casamento.

As discussões sobre o amor e o casamento, passam a serem temas presentes na Revista Era Nova (15/05/1924) que trás um espaço intitulado cartas da mulher. Nesse espaço, os homens passam a ser fonte de críticas, pois as mulheres expressam suas indignações com seus comportamentos após o casamento: “satisfeitos os gosos que elles procuram no amor, passa daaquela embriaguez physica dos sentidos, elles se revelam taes quaes são, grosseiros e intratáveis”, os homens se transformam após o casamento, este torná-se “o maior inimigo do amor”.

A discussão sobre o casamento também é perceptível na revista Era Nova do mês de agosto de 1924, onde os homens são comparados a maços de cigarros, pois

[...] os homens hão de ser sempre o que são: uns animaes, como os outros, possuídos da mesma e innata necessidade de mudar de amores. A questão, porém, é outra. Em geral as mulheres abominam os seus maridos e acham os das outras mais gentis e, desgraçadamente, mais deliciosos. É que lhes não conhecem senão as exterioridades. No intimo são todos os mesmos. Não creias tu que haja uns melhores que outros. Elles são como os cigarros: mudam-se-lhes as marcas, mas o veneno subsiste em toda a sua lethalidade!

A desilusão com o casamento é tanta que este é comparado a teias de aranha: “O casamento é assim, pois, como as teias de aranha, em cuja trama finíssima de ouro a vida em commum é um martyrio” (Idem), a solução para evitar esse “martyrio” seria um amor livre, pois “no seculo do automovel, o amor tem que ser, também, rapido, e não deve durar mais que uma lua...” (Ibidem).

Para as mulheres da elite paraibana não era preciso apenas acompanhar a moda adquirindo os produtos e costumes europeus ditos necessários para fazer-se moderna e civilizada, elas queriam também novos espaços na sociedade que se dizia moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos no decorrer de nossa pesquisa que o moderno se configurou na Parahyba do Norte enquanto elementos vindos do estrangeiro sejam mudando o aspecto físico da cidade ou o comportamento das pessoas. Se outrora as mulheres não podiam sair de casa ou expor parte de seus corpos, agora na nova cidade espaços de sociabilização são criados e associado a estes passa a existir mudanças também na forma de vestir das mulheres.

A mulher que outrora se prendia apenas ao lar, buscava ocupar outros espaços na sociedade, não que todas tenham adentrado o mundo moderno, mas ao menos o desejo se fazia presente.

Diferente de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, a Parahyba do Norte, vivenciou uma série de mudanças associadas à idéia de modernidade e modernização a partir do final do século XIX e de forma mais intensa a partir das primeiras décadas do século XX.

Da mesma forma que em outras cidades a modernidade, a busca do novo, as reformas urbanas, de um lado era aceita e por outro era criticada como foi possível observar nos jornais, revista e fotografias da época.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. “Escritas e Inscritas: Mulheres na imprensa dos anos 1920”. In: ABRANTES, Alômia. NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História a Arte de Inventar o passado: Ensaios de Teoria da História**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)*. In: **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural** – 2 ed. João Pessoa: Idéia, 2001.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. MENESES, Joedna Reis. “Tessituras da Modernidade”. In: ABRANTES, Alômia. NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

ARAÚJO, Edna Nóbrega. **Uma cidade, muitas tramas: A cidade da Parahyba e seus encontros com a modernidade (1880 – 1920)**. Dissertação apresentada Recife: UFPE, 2001.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. “Urbanidade, Modernidade e Cotidiano na Parahyba de início do século XX.” In: ABRANTES, Alômia. NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

D`INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: DEL PRIOORE, Mary.

PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed., 2 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História do Cotidiano**, São Paulo: Contexto, 2001. DEL

PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações no corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “O Imaginário Moderno no Brasil”. In: **A invenção do Brasil Moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIPOVETSKY, Giles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lucia.”Recônditos do mundo feminino.” In:

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**: Republica da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Volume 3.

MELLO, José Arruda. **Os coretos no cotidiano de uma cidade**: (lazer e classes sociais na capital da Paraíba). João Pessoa: Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1990.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife:FUNDARPE, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. “O prédio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**: Republica da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Volume 3.

SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio." In: **História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Volume 3.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

WANDERLEY, Mayrinne Meira. "Por uma Era Nova: discursos e distinções na Parahyba do Norte (anos 1920)". In: ABRANTES, Alômia. NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

FONTES DOCUMENTAIS

Jornal das Neves. Parahyba do Norte, 04/08/1916.

A União . Parahyba do Norte, 1917.

A União. Parahyba do Norte, 03/04/1918.

A União. Parahyba do Norte, 09/04/1918.

A União. Parahyba do Norte, 04/12/1918.

A União. Parahyba do Norte, 01/01/1930.

A União. Parahyba do Norte, 08/01/1930.

A União. Parahyba do Norte, 19/01/1930.

A União. Parahyba do Norte, 07/02/1930.

A União. Parahyba do Norte, 15/02/1930.

A União. Parahyba do Norte, 06/03/1930.

A União. Parahyba do Norte, 14/03/1930.

Revista **Era Nova**. Anno I, 27/03/1921, num. 1.

Revista **Era Nova**. Anno I. 15/04/1921, num. 2.

Revista **Era Nova**. Anno I. 1/05/1921, num. 3.

Revista **Era Nova**. Anno I. ?/05/1921, num. 5.

Revista **Era Nova**. Anno I. 25/12/1921, num. 18.

Revista **Era Nova**. Anno IV. 24/02/1924, num. 58.

Revista **Era Nova**. Anno IV. 27/03/1924, num. 60.

Revista **Era Nova**. Anno IV. ?/04/1924, num. 61.

Revista **Era Nova**. Anno IV. 15/05/1924, num. 62.

Revista **Era Nova**. Anno IV. ?/08/1924, num.65.

SITE

<http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>. Acesso em: 23/5/2012